



Soares & Mendonça
Leilas 44, nº. 500



LIVRARIA
DE
J. G. MAZZIOTTI
SALEMA GARÇÃO



Cam

1220



OS LUSIADAS,

POEMA EPICO

DE

LUIZ DE CAMÕES.

Nova edição correcta.



PERNAMBUCO :

Typ. de Santos & Companhia.

1843.

COMPRA

255375

Cam
1220

FORMA RITMO

de

LUIS DE CAMOENES

Para edição crítica



REMANEJADO:

Por de ... & Companhia

1933

DO CANTO PRIMEIRO.

OS LUSIADAS.**CANTO PRIMEIRO.**

ARGUMENTO

DO CANTO PRIMEIRO.

Navegão os Portuguezes pelos mares Orientaes : fazem os deoses seu concilio : oppoem-se Baccho a esta navegação ; favorece Venus, e Marte aos navegantes : chegão a Moçambique, cujo Governador pretende destrui-los. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Genticos : levão ferro, e passando por Quiloa, surgem em Mombaça.

Outro Argumento.

*Fazem concilio os deoses na alta Córte,
Oppoem-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente :
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.*

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana ;
E em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram :

II.

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio ; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando :
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando ;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram ;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram :
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram :
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente ;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente ;
Dai-me agora hum som alto, e sublimado ;
Hum estylo grandiloquo, e corrente ;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande, e sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda ;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a cor ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que Marte tanto ajuda ;
Que se espalhe, e se cante no universo ;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade :
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade ;
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande :

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada :
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada ;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou :

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro ;
Ve-o tambem no meio do hemispherio ;
E quando desce o deixa derradeiro :
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Genticio
Que inda bebe o licor do sancto rio :

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade
 Que nesse tenro gesto vos contemplo;
 Que já se mostra qual na inteira idade,
 Quando subindo ireis ao eterno templo :
 Os olhos da Real benignidade
 Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos,
 Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
 De premio vil; mas alto, e quasi eterno :
 Que não he premio vil ser conhecido
 Por hum pregão do ninho meu paterno.
 Ouvi; vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno :
 E julgareis qual he mais excellente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
 Phantasticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas :
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas, fabulosas;
 Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
 E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço ;
Hum Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço :
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria :
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande, e prospera victoria :
Outro Joanne invicto cavalleiro ;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora :
Hum Pacheco fortissimo ; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora ;
Albuquerque terribil, Castro forte ;
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado ;
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado :
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado ;
Que affeiçãoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas ;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas :
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas :
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas ; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado :
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando ;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando :
De branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente :
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado ;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'um momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano :
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornara hum corpo humano ;
Com huma c'roa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam :
Precedem os antigos máis honrados ;
Mais abaixo os menores se assentavam :
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'um tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento ;
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento ;
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
Com poder tão singelo, e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno :
Pois contra o Castelhana tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno :
Assi que sempre em fim com fama e gloria,
Teve os tropheos pendentés da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram :
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinão seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos
Tantos climas, e ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos;
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia ;
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha,
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha,
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua do Parnaso :
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçãoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiqua tão amada sua Romana :
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana ,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a Latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea ;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dea
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem ;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austró fero, ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredos abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida ;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia ;
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia ;
De entre os deoses em pé se levantava :
Merencorio no gesto parecia ;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho, e irado.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro :
E dando huma pancada penetrante
C'o conto do bastão no solio puro,
O ceo tremeo ; e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi : O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste ;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste ;
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado :
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado ;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz ; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeira
Ao vento leve, e a setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso ;
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço ; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo :
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo :
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo :
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece ;
Por diante passar determinava :
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela :
A gente se alvoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della,
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que lei, que rei teriam ?

XLVI.

As embarcações eram, na maneira,
Mui veloces, estreitas, e compridas ;
As velas, com que vem, eram de esteira
D'umas folhas de palma, bem tecidas :
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente :
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias cores, brancos, e listrados ;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados :
Da cinta para cima vem despídos ;
Por armas tem adagas, e terçados ;
Com toucas na cabeça : e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando,

XLVIII.

Co' os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem ;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem :
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem :
Tomam velas ; amaina-se a verga alta ;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia ;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente :
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro ; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham ;
Quem eram ; de que terra ; que buscavam ;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham :
Os Portuguezes somos do Occidente ;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico, e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado ;
Diversos ceos, e terras temos visto :
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega :
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feios phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois ; que terra he esta que habitais ;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei, e nação ;
Que os proprios são aquelles que criou
A natura sem lei, e sem razão.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrabão,
Que agora tem do mundo o senhorio ;
A mãe Hebreá teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala :
E por ser necessaria, prucuramos,
Como proprios da terra, de habita-la :
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente :
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco ; e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia :
Do Capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co' o carro de crystal, o claro dia ;
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas que partia.

LX.

Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram, e por ordem do destino,
O imperio tomaram a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia ;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia ;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe ;
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje, e a forte armada ;
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê.
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao Capitão pedia que lhe dê
 Mostra das fortes armas de que usavam,
 Quando co' os inimigos pelejavam.

LXIV.

Responde o valeroso Capitão
 Por hum que a lingua escura bem sabia :
 Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mi, da lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia ;
 Mas sou da forte Europa bellicosa :
 Busco as terras da Índia tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil ;
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil :
 Que padeceo deshonra, e vituperio,
 Soffrendo morte injusta, e insoffribil ;
 E que do Ceo á terra em fim desceo,
 Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste DEOS-Homem, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia ;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria ;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras :
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas :

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas :
Porem aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas :
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto pode : e com razão ;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento :
Nas mostras, e no gesto o não mostrou ;
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado ;
Diz-lhe, que largo premio levarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum não alcançou !
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo !

LXXII.

Partio-se nisto em fim co' a companhia
Das naos o falso Mouro, despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledado a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido :
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas :
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça ?

LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi ; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra ; e o indignado
Peito revolverei da Maura gente ;
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII,

Isto dizendo irado e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co' o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
A sua falsidade accomodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas :
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruído
Com roubos, com incendios violentos :
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado :
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co' os teus armado
Espera-lo em cilada, occulto e quedo ;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E se ainda não ficarem deste feito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nao lhe mande:
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, e mares co' elle ande,
Que se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir donde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando Gama co'os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido :
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido :
Mas pode suspeitar-se facilmente ;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes polo piloto necessario ;
E foi-lhe respondido em som de guerra :
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis somente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada ;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando
 Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
 Qualquer em terra salta tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
 Vendo a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, e brada :
 Mas o animal atroz nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, mata e poem por terra :

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
 Na furiosa, e dura artilheria ;
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia :
 O coração dos Mouros se quebranta :
 O temor grande o sangue lhe resfria :
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza ;
Mas seguindo a victoria estrue, e mata :
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou compra-la mais barata :
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando ;
Da-lhe armas o furor desatinado :
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado :
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas ;
Hum corta o mar a nado diligente ;
Quem se affoga nas ondas encurvadas ;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente :
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada
 Co'o despojo da guerra, e rica presa ;
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo mais que nunca accesa:
 E, vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido,
 O Regedor daquella iniqua terra ;
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra :
 Porque o piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em signal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, e ventos tinha
 Para ir buscar o Indo desejado ;
 Recebendo o piloto que lhe vinha,
 Foi d'elle alegremente agasalhado ;
 E, respondendo ao mensageiro, attento
 As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia :
O Capitão, que não cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara ;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara :
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está uma ilha, cujo assento,
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede ;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede :
Aqui o engano, e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
Á Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota :
Mas a deosa em Cythera celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada ;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava ;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava :
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia ;
Huma cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia ;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria ;
Regida por hum Rei de antiqua idade,
Mombaça he o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera :
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era :
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na forma d'outro Mouro que tomara.

CV.

O recado que trazem he de amigos ;
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos !
Oh caminho da vida nunca certo !
Que aonde a gente poem sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança !

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida !
Onde pode acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno ?

DO CANTO SEGUNDO.

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEGUNDO.

Instigado do demonio pretende El Rei de Mombaça destruir os Navegantes: dispoem-lhes traições debaixo de fingida amizade: apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes: elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente: em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça: levão ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda benignamente.

Outro Argumento.

*Dar El Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illustre, com mortal engano:
Desce Venus ao mar, a frota empara,
E a fallar sobe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara:
Apparece Mercurio ao Lusitano:
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.*

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo ;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as fingidas gentes se chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia :
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via ;
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejo
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda armada :
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
Que produce o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante ;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante ;
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo ;
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo :
Porem que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado ;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda
Das náos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava em huma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura:
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica phenix Virgem pura.
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros, conduzidos
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e sancto fingimento.
Mas assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento,
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte :

XIV.

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo :
E, sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo ;
Que alli se agasalharam, e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto ;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam :
Que levemente hum animo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam :
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavam
Armas, e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem :
E com esta traição determinavão,
Que os de Luso de todo destruissem ;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada ;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia ;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia :
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão, com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma ;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa, em força summa :
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de um Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa ;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa :
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa ;
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII.

Poem-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando ;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado ;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado :
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas ; ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha ;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha :
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha ;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam ;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua a nado se acolhiam :
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam ;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
 As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente,
 Daqui e dalli saltando, o charco soa,
 Por fugir do perigo que se sente ;
 E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem :

XXVIII.

Assi fogem os Mouros ; e o piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiara,
 Credo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando na agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percam a vida doce e chara,
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Entende o que ordenava a bruta gente :
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nao passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado !
Oh milagre clarissimo, e evidente !
Oh descoberto engano inopinado !
Oh perfida, inimiga, e falsa gente !
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança ;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança :
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança ;
O' tu Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida e malina ;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos ;
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione: e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E, como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia ;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via :
Da alva petrina flammæ lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia ;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo ;
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro :
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante,
Co' o riso huma tristeza misturada ;
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e seri, n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada :
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil, e amoroso,
 Postoque a algum contrario lhe pezasse :
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina ;
 Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cabidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo !
 Por elle a ti rogando choro, e bramo,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois, porque o amo he mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas mouroa emfim nas mãos das brutas gentes
 Que pois eu fui . . . E nisto de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' o orvalho fica a fresca rosa :
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa ;
 Torna a segui-la ; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante :

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co' o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro ;
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro ;
De modo que dalli, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta ;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta ;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta :
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo :

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos ;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos :
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo ;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo ;
 Os vossos, móres cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros,
 Por elles vereis, filha, edificados ;
 Os Turcos bellacissimos, e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados ;
 Os Reis da India livres, e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados :
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar delle Neptumo, de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando !
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos !

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado ;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjugado :
Alli vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado ;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo ;
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo :
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

LII.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora
 De todo o Oriente, e sublimada
 Co' os triumphos da gente vencedora :
 Alli soberba, altiva, e exalçada,
 Ao Gentio, que os idolos adora,
 Duro freio porá, e a toda a terra
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força, e gente ;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, e tão potente :
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto hum peito soberbo, e insolente,
 Que cithara já mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

Nunca com Marté instructo, e furioso,
 Se vio ferver Leucate, quando Augusto
 Nas civis Accias guerras animoso,
 O capitão venceo Romano injusto ;
 Que dos povos de Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
 A victoria trazia, e preza rica,
 Preso da Egypcia linda, e não pudica :

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co' os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até ao longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano ;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrará o aggravado Lusitano ;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha :
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylleneo voava ;
 Com as azas nos pés á terra dece ;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormece :
 Com esta as tristes almas revocava
 Dos infernos, e o vento lhe obedece ;
 Na cabeça o galero costumado ;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro ;
 Que o nome illustre a um certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado e charo.
 Desta arte vai fazendo a gente amiga
 Co' o rumor famosissimo, e preclaro :
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
 Aonde as naos estavam temerosas,
 Para que á gente mande, que se aparte
 Da barra imiga, e terras suspeitosas.
 Porque mui pouco val esforço, e arte
 Contra infernaes vontades enganosas :
 Pouco val coração, astucia, e siso,
 Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado ;
E as estrellas no ceo, co' a luz alhea,
Tinham o largo mundo allumiado ;
E só co' o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava ;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo : Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano ;
Fuge, que o vento, e o ceo te favorece ;
Serenos o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão aparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava ;
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas ;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
La quasi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Alli, tua frota alegre recebendo,
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz, e raio santo,
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos :
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos :
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento ;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando ;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respiram :
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram :
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso ;
 Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano :
 Que, como fosse debil e medroso
 Da pouca gente o fraco peito humano,
 Não teve resistencia ; e se a tivera,
 Mais damno resistindo recebera.

LXX.

E, como o Gama muito desejasse
 Piloto para a India que buscava,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;
 Mas não lhe succedeo como cuidava :
 Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse
 A que parte dos ceos a India estava :
 Porem dizem-lhe todos, que tem perto
 Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
 Condição liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, e humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitão o assella por verdade,
 Porque já lho dissera, deste geito,
 O Cylleneo em sonhos ; e partia
 Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea ;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava ;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito :

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe apparecia ;
Soam os atambores, e pandeiros ;
E assi entravam ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada ;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana ;
Péga no fundo a ancora pezada :
Mandam fora hum dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV.

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece :
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissesem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas,
Com as fructas que então na terra havia ;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledó, e seu recado ;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado :
Escarlata purpurea, cor ardente ;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como he fora dellas, se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co' o Rei nobre as pazes concertasse ;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava :

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido :
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas :
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande, e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente ?
 Que barbaro costume, e usança fea,
 Que não vedem os portos tam somente,
 Mas inda o hospicio da deserta area ?
 Que má tenção, que peito em nós se sente,
 Que de tão pouca gente se arrecea ?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino ;
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete divino :
 Que pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sabisse
 O nosso Capitão esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido :
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quereras, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça :
Mas as merces, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia ; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima :
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima ;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
 Por observar a usada preeminencia,
 Ainda que me peze estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia.
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirei que a excellencia
 De peitos tão leaes em si desfaça,
 Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas almadias,
 Eu irei visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, e longas vias,
 Aqui terá de limpos pensamentos
 Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse ; e nas aguas se escondia
 O filho de Latona ; e o mensageiro
 Co' a embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enchem-se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Para acharem a terra que buscavam ;
 E assi ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando :
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando :
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o raio volteando com zonido ;
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente ;
O mar se via em fogos accendido ;
E não menos a terra : e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho ;
E já a mãe de Memnon, a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho :
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava,

XCIII.

Viam se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda ;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda :
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira ;
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores ;
Na cabeça huma fota guarnecida
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino,
Da Tyria cor, entre elles estimada ;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada ;
C'hum resplendor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada ;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
Em huma alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro a solar quentura veda
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrisimo ao ouvido ;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo,

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano ;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza :

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega ;
As calças soldadescas recamadas
Do metal que fortuna a tantos nega ;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, e achega ;
Ao Italico modo a aurea espada ;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dá o murice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo differente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos, olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres resoando :
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando.
 As bombardas horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando ;
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava ;
 Elle co' a cortezia, que a razão
 (Por' ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto, e admiração,
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava ;
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse :
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse :
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, dos grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram ;
E o mais que pela fama o Rei sabia :
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana ;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
Nos recebes em paz, do mar profundo ;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja ;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas, para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja ;
E as trombetas canoras lhe tangiam :
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava ;
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agua o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora :
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora ;
Agora pelos povos seus visinhos ;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente ;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente ;
Co' os successos das guerras do começo,
Que sem sabe-las, sei que são de preço :

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado ;
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta : que agora vem co' os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem ;
O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co' o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nos o claro Sol, para julgares
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commetteram soberbos os Gigantes,
 Com guerra vã, o Olympo claro e puro;
 Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
 O reino de Plutão horrendo e escuro:
 Se houve feitos no mundo tão possantes,
 Não menos he trabalho illustre e duro,
 Quanto foi commetter inferno, e ceo,
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,
 Herostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no mundo e nomeado:
 Se tambem com taes obras nos engana
 O desejo de hum nome avantajado,
 Mais razão he que queira eterna gloria,
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO

DO CANTO TERCEIRO.

Prática de Vasco da Gama com El Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa: dá-lhe conta dos principios do Reino de Portugal, de seus Reis, (até El-Rei D. Fernando) e das suas acções principaes: feito notavel de Egas Moniz: vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado: amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro: alguns successos d'El Rei D. Fernando.

Outro Argumento.

*A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve;
Christo a Afonso se expoem crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave, e brando.*

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama :
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama,
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Poem tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana ;
Que veja, e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana ;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria ;
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto assi dizia :
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia :
Não me mandas contar estranha historia ;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, e se deseja :
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja ;
E para dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja :
Mas pois o mandas, tudo se te deve ;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer :
Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejás de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra,

VI.

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Solluzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo,
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
Eaquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem,
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antiguamente grande guerra
 Tiveram sobre a humana antiguidade
 Co'os que tinham então a Egypcia terra :
 Mas quem tão fora estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informara,
 Ao campo Damasceno o perguntara,

X.

Agora nestas partes se nomea
 A Lappia fria, a inculta Noroega;
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refrea
 O congelado inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo; e na montanha
 Hereyna, os Marcomancs são Polonios.
 Sujeitos ao imperio de Alemanha
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida ;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino ;
Boa injuria do grande Constantino !

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria :
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia ;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem ; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou ;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes, por outra parte :
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte :
Pobre está já da antiqua potestade :
Tanto Deos se contenta da humildade !

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana, e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo :
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda ;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda :
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe nodas,
Que lha não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano ;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Terragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta ;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa ;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano ;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que floreja
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra ; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada ;
 Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada,
 Acabe-se esta luz allí comigo.
 Esta foi Lusitania derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nella então os Incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
 Se vê que de homem forte os feitos teve ;
 Cujá fama ninguem virá que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta, o velho que os filhos proprios come ;
 Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
 Veio-a a fazer no mundo tanta parte,
 Creando-a reino illustre ; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguinas, força, e manha
 A muitos fez perder a vida, e a terra.
 Voando deste Rei a fama estranha
 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
 Muitos para na guerra esclarecer-se
 Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Depois que em feitos altos, e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado :
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhana que casado
Com Theresa sua filha o Conde fosse ;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve ;
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Herique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada ;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deo a quem lho tinha dado :
Ficava o Filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado ;
Que do mundo os mais fortes igualava ;
Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o principe Affonso (que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimaraens o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via ;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor ;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

O' Progne crua ! ó magica Medea !
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa albea,
Olhai que inda Theresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principais :
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padraſto, e da iniqua mãe levava ;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava :
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava :
Mas de Deos foi vingada em tempo breve ;
Tanta veneração aos pais se deve !

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Para vingar a injuria de Theresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimaraens está cercado
De infinito poder : que desta sorte
Foi refazer-se o inimigo magoado :
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, amo foi livrado ;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhana já aguardava,
Que o Principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança ;
Descalços, e despídos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte ;
 Se a peitos generosos, e excellentes
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes ;
 Nellas sós exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta ; e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido :
 Tal diante do Principe indignado
 Egas estava a tudo offerecido :
 Mas, o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
 De vassallo que a tanto se obrigava !
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava ?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezara,
 Que vinte Babylonias que tomara.

XLII.

Mas já o Principe Affonso aparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso ;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno ;
Postoque em força, e gente tão pequeno ;

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o ceo regia ;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama ;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso, o animava.
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflammado, assi gritava :
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi que creio o que podeis !

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammados, levantavam
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavam :
 E diante do exercito potente
 Dos imigos gritando o ceo tocavam ;
 Dizendo em alta voz : “ Real ! Real !
 Por Affonso alto Rei de Portugal. ”

XLVII.

Qual, co' os gritos, e vozes incitado,
 Pela montanha o rabido moloso
 Contra o tonro remette, que fiado
 Na força está do corno temeroso ;
 Ora pega na orelha, ora no lado.
 Latindo, mais ligeiro que forçoso,
 Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co' o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferve a gente;
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co' o vento, o secco mato vai queimando :
A pastoral companhia, que deitada
Co' o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atêa,
Recolhe o fato, e foge para a aldêa :

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa :
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Alli se vem encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos, e forçosos ;
Por toda a parte andava accessa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido ;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando ;
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos,

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido ;
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas submettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço ;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.



LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
 Facilmente das outras es princesa,
 Que edificada foste do facundo,
 Por cujo engano foi Dardania accessa :
 Tu, a quem obedece o mar profundo,
 Obedecestes á Força Portuguesa,
 Ajudada tambem da forte armada,
 Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
 E da fria Bretanha conduzidos,
 A destruir o povo Sarraceno
 Muitos com tenção sancta eram partidos.
 Entrando a boca já do Tejo ameno,
 Co' o arraial do grande Affonso unidos,
 Cujá alta fama então subia aos ceos,
 Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lua se escondera,
 E outras tantas mostrara cheio o rosto,
 Quando a cidade entrada se rendera
 Ao duro cerco que lhe estava posto.
 Foi a batalha tão sanguina e fera,
 Quanto obrigava o firme presupposto
 De vencedores asperos e ousados,
 E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada, se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados ;
E em fim co' o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa ?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co' o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes :
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente,
 Onde ora as aguas nitidas de argento
 Vem sustentar de longe a terra, e a gente,
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantam nobremente,
 Obedeceo por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Affonso, que não sabe socegar,
 Por estender co' a fama a curta vida.
 Não se lhe pode muito sustentar
 A cidade ; mas sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmella,
 E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exercito potente :
 Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
 Que a soccorre-la vinha diligente
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado :

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumerados peões d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro
Co' os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante :

LXVII.

Desta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura ;
Fere, mata, derriba denodado ;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura ;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle que o merece,
 E ou para que se emende ás vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece ;
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercara,
 Cercado nella foi dos Leonezes,
 Porque a conquista della lhe tomara,
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 Á batalha, onde foi vencido, e preso.

LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina ;
 Nem ver que a justa Nemesis ordene
 Ter teu sogro de ti victoria indina.
 Postoque o frio Phasis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente :

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos, e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende ; e os Cappadoces,
E Judea que hum Deos adora e ama ;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e sancto monte ;

LXXIII.

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem ; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido :
Porque Affonso verás soberbo, e ovante,
Tudo render, e ser depois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado ;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido,
Á cidade Ulyssea foi trazido :

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que ás terras se passasse d'Alentejo,
 Com gente, e co' o belligero apparelho.
 Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
 Avante passa, e faz correr vermelho
 O rio que Sevilha vai regando,
 Co' o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
 Já não descança o moço até que veja
 Outro estrago, como este temeroso,
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assi estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas poem sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o ceo :
 Já vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge, que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa ;
 Que tambem com suas armas se moveo
 Ao som da Mauritana e ronca tuba
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal ;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial :
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem ;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso ;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso :
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provè com animo, e prudencia ;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego ;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade ;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI.

E'co' a famosa gente á guerra usada
 Vai soccorrer o filho ; e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida :
 O Mir-almuminin só não fugio,
 Porque antes de fugir lhe fogue a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio
 Dão louvores, e graças sem medida :
 Que em casos tão estranhos claramente,
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanbas victorias triumphava
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido ;
 E pagaram seus annos deste geito
 Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Affonso, Affonso, os eccos : mas em vão.

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se experimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia ;
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram :

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
 O roxo Federico, que moveo
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade onde Christo padeceo ;
 Quando Guido, co' a gente em sede accesa,
 Ao grande Saladino se rendeo,
 No lugar onde aos Mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do sancto marte :
 Assi como a seu pai acontecera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado, Sylves toma,
 E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte :
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tuí, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas visinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas,

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal, por derradeiro ;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

XCI.

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado ;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado ;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a Mãe Agrippina commettia ;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia ;
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCH.

Nem era o povo seu tyrannisado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos ;
 Nem tinha como Phalaris achado
 Genero de tormentos inhumanos :
 Mas o reino, de altivo, e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
 O Conde Bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
 Este, que Affonso o bravo se chamou,
 Depois de ter o reino segurado,
 Em dilata-lo cuida ; que em terreno
 Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co' o braço, e deita fora
 O Mouro mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania com força, e bellica arte ;
 E acabou de opprimir a nação forte
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina ;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva ;
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva :
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros ;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas, depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente
Quarto Afonso ; mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno ;
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorre-la.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo ;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhanao
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte ;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados ;
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados :
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos eburneos hombros espalhados :
 Diante do pai ledo, que a agasalha,
 Estas palavras taes chorando espalha :

CIII.

Quantos povos a terra produzio
 De Africa toda, gente fera e estranha,
 O grão Rei de Morrocos conduzio,
 Para vir possuir a nobre Hespanha :
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso mar a terra banha :
 Trazem ferocidade, e furor tanto,
 Que a vi vos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co' o pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe está da Maura espada ;
 E, se não for comtigo soccorrido,
 Vêr-me-has delle, e do reino ser privada ;
 Viuva, e triste, e posta em vida escura,
 Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congela ;
 Rompe toda a tardança ; acude cedo
 Á miseranda gente de Castella :
 Se esse gesto, que mostras claro e ledó,
 De pai o verdadeiro amor assella,
 Acude, e corre pai ; que se não corres,
 Pode ser que não aches quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pai favor pedia
 Para Eneas seu filho navegando ;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que, cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas já co' os esquadrões da gente armada
 Os Éborenses campos vão coalhados ;
 Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada ;
 Vão rinchando os cavallo jaezados.
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado :
E somente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado :
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno ;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno ;
Que com titulo falso possuindo
Estão o famoso nome Sarraceno ;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
Á nobre terra alheia chamão sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
 Do Rei Saul com causa tão temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante
 Só de pedras, e esforço apercebido ;
 Com palavras soberbas o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda, o desengana
 Quanto mais pode a fé, que a força humana

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos, e não entende,
 Que, está ajudado da alta fortaleza,
 A quem o inferno horrifico se rende.
 Com ella o Castelhana, e com destreza,
 De Marrocos o Rei commette, e offende :
 O Portuguez, que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retiniam
 Por cima dos arnezes, bravo estrago !
 Chamam, segundo as leis que alli seguiam,
 Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
 Os feridos com grita o ceo feriam,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos se affogavam,
 Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis; e inclinado
Para o Ponente o vespero trazendo
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro do Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito ;
Permissão, e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito ;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E depois por JESU certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra ;
O caso triste, e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero e tyranno
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito ;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam ;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam ;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam ;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita ;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria :

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso ;
Crendo co' o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada ?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade ;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Sabidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava :

CXXV.

Para o ceo crystalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos ;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos :
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia :

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento ;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento ;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram :

CXXVII.

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vence-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perde-la não fez erro.
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Poem-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei :
 Alli co' o amor intrinseco, e vontade,
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magoam ;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito alli pregoam.
 Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais, e cavalleiros ?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece :

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva meza de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morté escura
 Longo tempo chorando memoraram ;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram :
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas ;
 Que, em tomando do reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas :
 De outro Pedro cruissimo os alcança ;
 Que, ambos imigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro e injusto,
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios :
 Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
 Eram os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando justicoso
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deo,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito aperto :
 Que vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defeza esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente :
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 N'hum falso parecer mal entendido :
 Ou foi que o coração sujeito, e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, e fraco ; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos, que Deos o quiz, e permittio ;
 Os que foram roubar a bella Helena ;
 E com Apio tambem Tarquino o vio :
 Pois por quem David sancto se condena ?
 Ou quem a Tribu illustre destruo
 De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado,
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado.
 Tu tambem, Pœno prospero, o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
 Dos laços que Amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não, mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio um olhar seguro, um gesto brando,
 Huma suave, e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transfor-
 Que tivesse contra ella resistencia? (mando,
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes, tendo livre a fantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO.

Continúa o Gama a prática com ElRei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do Reino, por morte d'ElRei D. Fernando: façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; batalha, e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizerão para descobrir a India por mar, em tempo de ElRei D. João o II.: como ElRei D. Manoel conseguiu esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella: embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

Outro Argumento.

*Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhana:
Oppoem-se Nuno, intrepido guerreiro:
Dá-se batalha; vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano;
E como ao Gama coube esta alta empreza
Por affinar á gloria Portugueza.*

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

De pois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento :
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento :
Assi no reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando ,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou ;
 E, como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo, e a voz alevantou :
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas então do reino as gentes
 Co' o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, e evidentes,
 Faz do povo o furor, por onde vinha :
 Matando vão amigos, e parentes
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com que sua incontinencia deshonestas
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonorado,
 Diante della a ferro frio morre, fo
 De outros muitos na morte acompanhado ;
 Que tudo o fogo erguido queima, e corre :
 Quem como Astianax, precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre ;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito ;
 Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castilla,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhana está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castilla alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras
De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado,
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as aguas lavam.
 A nobre ilha tambem se apercebia,
 Que antiguamente os Tyrios habitavam,
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
 Cidade nobre e antigua, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledado,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vós outros tambem não tolhe o medo,
 Ó sordidos Gallegos, duro bando,
 Que para resistirdes, vos armastes,
 Áquelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipuscua, e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle os soberbos moradores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Samsão Hebreio da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se aparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes;
Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como? da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refuse o Patrio marte?
 Como? desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes,
 Venceram esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
 Puzeram em fugida, de maneira,
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, afora a presa que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes :
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem subjugada :
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida :

XXI.

Desta arte a gente força, e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lbes tinha os corações:
 Nos animaes cavalgam de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões;
 Vão correndo e gritando á boca aberta:
 “Viva o famoso Rei que nos liberta.”

XXII.

Das gentes populares, huns approvam
 A guerra com que a patria se sostinha;
 Huns as armas alimpão, e renovam,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
 Capacetes estofam, peitos provam,
 Arma-se cada hum como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com letras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos,
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los, e rege-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem ;
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores ;
 Alferezes volteam as bandeiras,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores,
 Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso :
 Ouvio-o o monte Artabro ; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso :
 Ouvi-o o Douro, e a terra Transtagana ;
 Correo ao mar o Tejo duvidoso :
 E as mãis, que o som terribil escuitaram,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo !
 Que, nos perigos grandes, o temor
 He menor muitas vezes que o perigo :
 E se o não he, pareceo-o ; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo
 Faz não sentir que he perda grande e rara
 Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra ;
De ambas partes se move a primeira ala ;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la :
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala ;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam :
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam :
Espedçam-se as lanças ; e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam :
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão :
Caso feo e cruel ! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta :
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho !)
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira, não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremeça, que recrescem,
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno ; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara :

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala :
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras ; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro :
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro ;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira ; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
 D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Porfiam : tinge o ferro o sangue ardente ;
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo :
 Assi recebem junto, e dão feridas,
 Como a quem já não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandam ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava :
 O Mestre morre alli de Sanet-lago,
 Que fortissimamente pelejava :
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava :
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo ;
 Onde o trifauce cão perpetua fome
 Tem das almas que passam deste mundo :
 E, porque mais aqui se amanse, e dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas:
Já as costas dão, e as vidas ; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas :
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida :
Seguem-no os que ficaram ; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonna, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo ;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo ;
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo ;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria :
 Com offertas depois, e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victoria.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento ;
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo, e o vencimento.
 Já de Sevilha a Betica bandeira,
 E de varios senhores n'hum momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
 Eram os Castelhanos opprimidos ;
 Quando a paz, desejada já da gente,
 Deram os vencedores aos vencidos ;
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 Ás duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano ;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra ; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse :
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza ;
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado deleitoso ?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza ?
 Pois inda neste reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita :
 Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida :
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se convida :
 Codro, nem Cursio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia),
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia :
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pode colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pode :
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém depois, tocado de ambição,
 E gloria de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão,
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberbas e varias gentes della,
 Desde Cadiz ao alto Pyreneo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinós ocioso
 O mancebo Joanne ; e logo ordena
 De ir ajudar o pai ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Sahio-se em fim do trance perigoso,
 Com fronte não torvada, mas serena,
 Desbaratado o pai sanguinolento :
 Mas ficou duvidoso o vencimento.

LXI.

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar mataram,
 Nos Philippicos campos se vingaram.

LX.

Porém depois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada ;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada ;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co' o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam ;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas ;
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas undosas ;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
 Que o povo de Israel sem nao passou ;
 Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
 Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
 As costas odoriferas Sabeas,
 Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
 Da confusa Babel indã a memoria :
 Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria,
 Dalli vão em demanda da agua pura,
 (Que causa inda será de larga historia),
 Do Indo, pelas ondas do Oceano,
 Onde não se atreueo passar Trajano.

LXV.

Viram gentes incognitas e estranhas
 Da India, da Carmania, e Gedrosia,
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada região produz e cria.
 Mas de vias tão asperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia :
 Lá morreram em fim, e lá ficaram ;
 Que á desejada patria não tornaram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos, e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara,)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam quando cahem ;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são ;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação ;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração ;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece,

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto, que tocava á prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha, e fera :
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antigos, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas claras, e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam :
 Mil arvores silvestres, e hervas varias
 O passo, e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas, adversarias
 De mais conversação, por si mostravam
 Que, desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
 Para elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos pareciam,
 De aspecto, inda que agreste, venerando :
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam
 Gottas, que o corpo todo vão banhando ;
 A cor da pelle, baça e denegrada ;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha :
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha ;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada :
Ó tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte do mundo está guardada ;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro :
Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
Mas, insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desaparecem n'hum momento :
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Hemispherio somnolento ;
Veio a manhã no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propom-lhe as figuras da visão ;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia ;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse : As cousas arduas, e lustrosas
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga ;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve ;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido ;
O que eu sei, que por mi vós será leve.
Não soffri mais, mas logo : Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava ;
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava :
Descer em fim ás sombras vãs, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava ;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vos, ó Rei, o espirito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com merces sumptuosas me agradece,
 E com razões me louva esta vontade ;
 Que a virtude louvada vive, e crece,
 E o louvor altos casos persuade.
 A acompanhar-me logo se offerece,
 Obrigado d'amor, e d'amizade,
 Não menos cobiçoso de honra, e fama,
 O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor ;
 Ambos são de valia, e de conselho,
 D'experiencia em armas, e furor.
 Já de manceba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor ;
 Todos de grande esforço ; e assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palavras altas animados
 Para quantos trabalhos succedessem.
 Assi foram os Minyas ajuntados,
 Para que o veo dourado combatessem,
 Na fatidica nao, que ousou primeira
 Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca area,
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo :)
As naos prestes estão : e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem, e varias artes ;
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes :
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos:

LXXXVI.

Depois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado
 Cheio dentro de duvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
 Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver somente, concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c'hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavam:
 Mães, esposas, irmãas, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperação, e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo : Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro ;
Porque me deixas misera, e mesquinha ?
Porque de mi te vás, ó filho charo ?
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento ?

XCI.

Qual em cabello : Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa ;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa ?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa ?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento ?

XCII.

Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço poem a idade,
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade :
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado :
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado ;
Que, postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

Mas hum velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente ;
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :

XCV.

Oh gloria de mandar ! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama !
Oh fraudulento gosto, que se atixa
C'huma aura popular, que honra se chama
Que castigo tamanho, que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama !
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas !

XCVI.

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios !
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios :
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente ?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente ?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente ?
Que famas lhe prometterás ? Que historias ?
Que triumphos ? que palmas ? que victorias ?

XCVIII.

Mas ó tu, geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia :
Mas inda d'outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia
Da Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou :

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia;
 Já que á bruta crueza, e feridade,
 Pozeste nome, esforço, e valentia;
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto perde-la quem a dá :

C.

Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas ?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas ?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras, e riqueza mais desejas ?
 Não he elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado ?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando ao longe ?
 Buscas o incerto, e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga copia,
 Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia ?

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho !
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria ;
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria.

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano ;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonoras : grande engano
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o mundo ments dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV.

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Hum nome ao mar, e o outro fama ao rio :
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte ! Estranha condição !

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUINTO.

Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocárão, e gentes que virão até o Cabo de Boa Esperança: caso de Fernão Velloso: fabula do Gigante Adamastor: continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e huma verdadeira amizade entre o Gama, e aquelle Rei.

Outro Argumento.

*Relata o Gama illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como o Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da terra se dizia,
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.*

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos :
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo : Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento ;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento :
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam :
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam ;
E já depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio :
De Mauritania os montes, e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V.

Passamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama ;
Das que nós povoamos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama :
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama ;
Antes, sendo esta sua, se esquecerá
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixamos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam ;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas,
Entramos navegando pelas filhas
Do velho Esperio, Esperidas chamadas ;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas :
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Áquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanct-Iago ;
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
 Tornamos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano, e assi deixamos
 A terra, onde o refresco doce achamos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente,
 A provincia Jaloso, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Logramos o metal rico e luzente,
 Que do curvo Gambea as aguas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe :

XI.

As Dorcadas passamos, povoadas
 Das irmãs, que outro tempo alli viviam
 Que de vista total sendo privadas,
 Todas tres d'um só olho se serviam.
 Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas aguas accendiam,
 Tornada já de todas a mais fea,
 De viboras encheste a ardente area,

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfam nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos :
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della :
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem ;
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia :
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se :
D' aqui levado hum cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia ;
Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava ;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava.
Estava-se co' as ondas ondeando ;
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
 Nos beiços da alimaria, que imprudente,
 Bebendo a recolho na fonte fria,
 Fartar co' o sangue alheio a sede ardente :
 Chupando mais e mais se engrossa, e cria ;
 Allí se enche, e se alarga grandemente ;
 Tal a grande columna, enchendo, augmenta
 A si, e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas depois que de todo se fartou,
 O pé que tem no mar a si recolhe,
 E pelo ceo chovendo em fim voou,
 Porque co' a agua a jacente agua molhe.
 Ás ondas torna as ondas que tomou ;
 Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
 Vejam agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antignos philosophos, que andaram
 Tantas terras por ver segredos dellas,
 As maravilhas, que eu passei, passaram,
 A tão diversos ventos dando as velas ;
 Que grandes escripturas, que deixaram !
 Que influição de signos, e de estrellas !
 Que estranhezas, que grandes qualidades !
 E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
 Habita, cinco vezes apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro
 Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;
 Quando da etherea gavea hum marinheiro,
 Prompto co' a vista, Terra, Terra, brada :
 Salta no bordo alvoroçada a gente
 Co' os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começam
 A descobrir os montes que enxergamos ;
 As ancoras pezadas se adereçam,
 As velas, já chegados, amainamos :
 É para que mais certas se conheçam
 As partes tão remotas onde estamos
 Pelo novo instrumento do Astrolabio,
 Invenção de subtil juizo, e sabio ;

XXVI.

Desembarcamos logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou,
 De ver cousas estranhas desejava
 Da terra, que outro povo não pizou :
 Porém eu co' os pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou,
 Me detenho em tomar do sol a altura,
 E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo lhum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo ;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo :
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria ;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascadeis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegrá grandemente :
Mando-o soltar com tudo ; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva :
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato,

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro ;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe sahem ; ve-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse ;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
 Chovem sobre nós outros sem medida ;
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu dalli ferida :
 Mas nós, como pessoas magoadas,
 A resposta lhe demos tão crescida,
 Que em mais que nos barretes se suspeita
 Que a cor vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
 Logo nos recolhemos para a armada,
 Vendo a malicia fea, e rudo intento
 Da gente bestial, bruta, e malvada :
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Pudemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della ;
 E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,
 (Começando-se a todos a sorrir) :
 Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de descer, que de subir.
 Si he, responde o ousado aventureiro ;
 Mas quando eu para cá vi tantos vir
 Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passaram
Aquelle monte os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, senão torna, alli mata-lo :
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sabindo nós para toma-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco soes eram passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando :
Quando huma noite, estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo :
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se desse em vão n'algun rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada !
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta ?

XXXIX.

Não acabava, quando hum figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida :
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a cor terrena e pallida ;
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do mundo :
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceo sahir do mar profundo :
 Arrepiam-se as carnes e o cabello
 A mi, e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI.

E disse : Ó gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas ;
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãoos nunca repousas ;
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Qu' eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho,
 Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho :

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento ;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas :
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d' improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, senão me engano,
De quem me descobrio summa vingança ;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança :
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos :
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão merce lhe terá dado.
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos ;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos :
Os crystallinos membros, e preclaros,
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos ;
Depois de ter pizada longamente
Co' os delicados pés a area ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o polo Antartico se estende;
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano ;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano :
 Não que puzesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza ;
 Todas as deosas desprezei do ceo,
 Só por amar das aguas a princeza :
 Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
 Sabir nua na praia ; e logo preza
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcança-la,
 Pela grandeza fea de meu gesto,
 Determinei por armas de toma-la ;
 E a Doris este caso manifesto.
 De medo a deosa então por mi lhe falla ;
 Mas ella c'hum formoso riso honesto,
 Respondeo ; qual será o amor bastante
 De nympha que sustente o d'hum gigante ?

LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano :
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida :
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte !
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava.
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 Daqui me parto irado, e quasi insano
 Da magoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E, como contra o ceo não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo,
 Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros que vês, e esta figura,
 Por estas longas aguas se estenderam:
 Em fim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo converteram
 Os deoses; e por mais dobradas magoas,
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX.

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou ;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram ;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas ;
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas :
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças que levaram :
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que desse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tínhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antartico ficava :
Aquelle ilheo deixamos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças :
Co'o mar hum tempo andamos em porfias,
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia
(Segundo para traz nos obrigava)
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava :
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente :
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agua ; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achamos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê, Rei, quamanha terra andamos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal,
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas, e por mares não sabidos :
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quato a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e máos ao fraco corpo humano ;
 E alem disso nenhum contentamento,
 Que sequer da esperanza fosse engano :
 Crês tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fora Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente ?

LXXII.

Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada:
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que á costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicoláo,
Para onde o mar na costa brada e geme
A proa inclina d'uma, e d'outra náó:
Quando, indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco páo,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
 Bateis á vela entravam, e sabiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos já pessoas que sabiam
 Navegar; porque entr'ellas esperamos
 De achar novas algumas, como achamos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavam;
 Palavra alguma Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavam:
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavam;
 Com outro, que de tinta azul se tinge,
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallam,
 E que Fernão Martins mui bem entende,
 Dizem, que por náos que em grandeza igua-
 As nossas, o seu mar se corta e fende: ^{(lam}
 Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
 E do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII.¹

Mui grandemente aqui nos alegramos
Co'a gente, e com as novas muito mais :
Polos signaes, que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
Hum padrão nesta terra alevantamos ;
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns ; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
Nojosa creação das aguas fundas,
Alimpamos as náos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria ; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura,
Assi no ceo sereno se dispensa ;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos ; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo o muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tínhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer onteiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIN.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza :
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento :
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste : e ves-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Agora julgas, ó Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem.
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem ?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte ?

LXXXVII.

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
 Athenas, Chios, Argo, e Salamina :
 Ess'outro, que esclarece toda a Ausonia,
 A cuja voz altisona e divina,
 Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece :

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extre-
 Desses seus semideoses, e encareçam, ^{(mos}
 Fingindo magas Circes, Polyphemos,
 Sirenas que o co'o canto os adormeçam :
 Dem-lhe mais navegar á vela e remos
 Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
 Os companheiros, em gostando o loto ;
 Dem-lhe perder nas aguas o piloto :

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
 Dos odres, e Calypsos namoradas,
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
 Descer ás sombras nuas já passadas :
 Que por muito, e por muito que se afinem
 Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E ElRei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dons, merces, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda a França,
E as armas não lhe impedem a sciencia ;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia,
O que de Scipião se sabe, e alcança,
He nas comedias grande experiencia :
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros ;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

As Musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome e fama
 De toda a illustre e bellica fadiga ;
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he somente o presupposto
 Das Tagides gentis, e seu respeito :
 Porém não deixe em fim de ter disposto
 Ninguém a grandes obras sempre o peito ;
 Que por esta, ou por outra qualquer via,
 Não perderá seu preço, e sua valia.

OS LUSIADAS.**CANTO SEXTO.**

ARGUMENTO

DO CANTO SEXTO.

Salve Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente desce Bacco ao mar : descripção do palacio de Neptuno : convoca o mesmo Bacco os deoses maritimos, e lhes persuade destruição aos navegantes : em quanto isto se passa refere Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra : levanta-se horrorosa tormenta : he applicada por Venus, e pelas Nymphas : com bonança chegão finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo desta navegação.

Outro Argumento.

*Parte-se de Melinde o illustre Gama
Com Pilotos da terra, e mantimento :
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento :
Conta Velloso aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento :
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.*

OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes :
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento ;
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado ;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes barões seu reino e estado :
E que em quanto seu corpo o espirito reja,
Estará de contino aparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando,
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está d'ontro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sabem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina ;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina :
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual o irado Baccho a vista paze :
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face ;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha ;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a terra em montes, revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co'os gigantes ;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitanes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tãrdança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
E ás portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estão maravillhando,
De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho :

XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes,
 Porque tambem co'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes :
 Manda chamar os deoses do mar, antes
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres :
 Verão da desventura grandes modos,
 Ouçam todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deoses da agua fria,
 Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rei, e de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro e feio,
 Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
 Que nunca brando pentem conheceram :
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que alli se geram ;
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento ;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento :
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe o crescimento ;
Ostras, e misilhões de musgo sujos,
Ás costas com a casca os cramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava ;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da Grega insania.

XX.

Vinha o Padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerara ;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara :
O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem ; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha ;
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se ;
Que tanto bem não he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse ;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse ;
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse :
Ambas vem pela mão : igual partido ;
Pois ambas são esposas d'um marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado :
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria ; e ás vezes pela areia
No collo o toma a bella Panopea,

XXIV.

E o deos que foi n'um tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa;
 Inda vinha chorando o feio engano,
 Que Circe tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal,
 As deosas em riquissimos estrados;
 Os deoses em cadeiras de crystal;
 Foram todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual:
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e a Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos,
 Coneça a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Humpouco carregando-se no vulto,
 Dand' mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
 D'hum polo a outro polo o mar irado;
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas
 Que não passem o termo limitado:
 E tu, padre Oceano, que rodeas
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto assi permittes
 Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra, e ande:
 Que descuido foieste em que viveis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos, fracos e atrevidos?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
 Foram já commetter o ceo supremo;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela, e remo:
 Vistes; e ainda vemos cada dia,
 Soberbas, e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do ceo, em poucos annos,
 Venham deoses a ser, e nós humanos

XXX.

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração
A vós, e a mi, e o mundo todo doma :
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma :
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram :
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo descí,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi :
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal também a deoses, que a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o que sentia ;
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia :
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou :
“Neptuno sabe bem o que mandou.”

XXXVII.

Já lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava ;
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota ;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros se despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos,
 Bocejando a miude se encostavam
 Pelas antenas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravam.
 Os olhos contra seu querer abertos,
 Mas esfregando, os membros estiravam:
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pezado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado?
 Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra fervida, e robusta
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprimam
De contar cousa fabulosa, ou nova :
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra ;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava ;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava ;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinny's dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou Discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provaram, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Socorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes, e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em socorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militára
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella :
Não menos nesta terra experimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que socorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz : Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderião, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
De vosso agravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes ;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes ;
Que ellas só doze são : e descoberto
Qual a qual tem cabido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro ;
 Toda a corte alvoroça a novidade :
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser com fervida vontade ;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade, donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras, e primores,
 Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença
 Para partir do Douro celebrado
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Inglez experimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro destro, ou esforçado ;
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Desta arte falla á forte companhia :

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu, impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido ;
Mas se a verdade o espirito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz ; e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte :
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte ;
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias ;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortam do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias :
 Do Duque são com festa agasalhados,
 E das damas servidos, e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
 De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
 Que pelo Rei já tinham segurado :
 Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes :
 Já as damas tem por si, fulgente, e armado,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes :
 Vestem-se ellas de cores, e de sedas,
 De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro nesta empreza :
 Bem que os onze apregoam, que acabado
 Será o negocio assi na corte Ingleza,
 Que as damas vencedoras se conheçam,
 Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX.

Já n'hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a corte :
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sahir, como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallo, escumando,
Os aureos freos com feroz semblante :
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze : quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço :
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço :
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se lia
Para os onze, que este era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome, e fama,
 Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
 Que a gente bruta mais que virtude ama.
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflamma :
 Picam d'esporas, largam redeas logo,
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme :
 O coração no peito que estremece
 De quem os olha, se alvoroça, e teme :
 Qual do cavallo voa, que não dece ;
 Qual co'o cavallo em terra dando, geme ;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum dalli tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breve intervallo :
 Correndo algum cavallo vai sem dono,
 E n'outra parte o dono sem cavallo :
 Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
 Que dous, ou tres já fóra vão do vallo :
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo, com fabulas sonhadas :
Basta por fim do caso que entendemos
Que, com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria :
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia ;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem, * que com tudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes ;
E como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Já teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, e teve hum fero desafio
 C'hum Germano enganoso, que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio,
 Contando assi Velloso, já a companhia
 Lhe pede que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, e vencimento ;
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca : acordam despertando
 Os marinheiros d'huma e d'outra banda :
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda :
 Alerta, disse, estai, que o vento crece
 Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande, e subita procella :
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,
 Amaina, disse, amaina a grande vela.
 Não esperão os ventos indignados
 Que amainassem ; mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, c'hum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor, e desacordo;
Que no romper da vela a náó pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar: não falte accordo:
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náó, n'hum bordo os derribaram;
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar de homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante náó, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A não grande em que vai Paulo da Gama
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada : a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vão ao ar derrama
 Toda a não de Coelho, com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que dêsse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo :
 Agora a ver parece que desciam
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
 Arruinar a machina do mundo :
 A noite negra, e fea se allumia
 Co'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantaram,
 Lembrando-se de seu passado pranto,
 Que as furiosas aguas lhe causaram.
 Os delphins namorados entretanto
 Lá nas covas maritimas entraram,
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converte-
[ram.

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil pode, desta sorte:

LXXXI.

Divina Guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, e mar, e terra senhoreas ;
 Tu, que a todo Israel refugio déste,
 Por metade das aguas Erythreas ;
 Tu, que livraste Paulo, e defendeste
 Das syrtes arenosas, e ondas feas,
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo ;

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
 D'outro Scylla, e Charybdis já passados,
 Outras syrtes, e baixos arenosos,
 Outros Ároceraunios infamados ;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu serviço só pretende ?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer, em quanto fortes sostiveram
 A sancta Fé, nas terras Mauritanas :
 De quem feitos illustres se souberam,
 De quem ficam memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perde-la,
 Doce fazendo a morte as honras della !

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar, com leda fronte :
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse; mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda as nympbas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores,
 Sobre cabellos louros á porfia.
 Quem não dirá, que nascem roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi; porque tanto que chegaram
 Á vista dellas, logo lhe fallecem
 As forças com que d'antes pelejaram,
 E já como rendidos lhe obedecem.
 Os pés, e mãos parece que lhe ataram
 Os cabellos que os raios escurecem.
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya :

LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,
 Que me tiveste nunca amor constante ;
 Que brandura he de amor mais certo arreio,
 E não convem furor a firme amante.
 Se já não poens a tanta insania freio,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amar-te, mas temer-te ;
 Que amor contigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em ve-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe ;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores :
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa ;
Disse alegre o Piloto Melindano,
“Terra he de Calecut,” se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece ;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pôde o Gama mais
De ledó em ver que a terra se conhece;
Os gíolhos no chão, as mão ao ceo,
A merce grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava ;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama am'g'os
As honras immortaes, e grãos maiores :
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores ;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos :

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos ;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica da virtude :

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas ;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas ;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas ;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento :

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro ;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura,

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado ;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

DO CANTO SEPTIMO.

OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEPTIMO.

Por occasião deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel, e poetica exhortação aos Principes Christãos, acordando-lhes semelhantes empresas: descripção do Reino do Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo: recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstrações: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra: vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

Outro Argumento.

*Dá fundo a frota a Calecut chegada:
Manda-se mensageiro ao Rei potente;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori sua embaixada:
E, recebido bem da Indica gente,
Co'o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.*

OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

I.

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora ;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois mundo ;
Não digo iuda no mundo, mas no amigo
Cural de quem governa o ceo rotundo :
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo ;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia :

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pezais ;
 Vós, que á custa de vossas varias mortes
 A Lei da vida eterna dilatais :
 Assi do Ceo deitadas são as sortes,
 Que vós por muito poucos que sejais,
 Muito façais na sancta Christandade :
 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade !

IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,
 Que por tão largos campos se apascenta,
 Do successor de Pedro rebellado,
 Novo pastor, e nova seita inventa :
 Vede-lo em feas guerras occupado,
 Que inda co'o cego error se não contenta ;
 Não contra o superbissimo Othomano,
 Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomea
 Rei da velha e sanctissima Cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem vio honra tão longe da verdade !)
 Entre as Boreaes neves se recrea,
 Nova maneira faz de Christandade :
 Para os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terrestre,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi ?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendel-o, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

VII.

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo ?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra ?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastam a vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo ?
Nascem da tyrannia inimicias,
Que o povo forte tem de si inimigo :
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Ó miseros Christãos! pola ventura,
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que huns aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos de hum ventre produzidos?
 Não vedes a divina sepultura
 Possuida de cães, que sempre unidos
 Vos vem tomar a vossa antigua terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto,
 Do qual são tão inteiros observantes,
 Ajuntarem exercito inquieto,
 Contra os povos que são de Christo amantes;
 E entre vós nunca deixa a fera Aletó
 De semear cizanias repugnantes:
 Olhai se estais seguros de perigos,
 Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alheas,
 Não vedes que Pactolo e Hermo rios,
 Ambos volvem auríferas areas?
 Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
 Africa esconde em si luzentes veas:
 Mova-vos já se quer riqueza tanta,
 Pois mover-vos não pode a Casa santa,

XII.

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão : (duro tributo !)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto ;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos ;
He na Asia mais que todas soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto que acontece
Àquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes ;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram ;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra todâ possuia.

XVII.

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis ; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre ;
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo ás regiões por onde corre ;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum e o outro rio em grande espaço,
Sahe da larga terra hũa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta :
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX.

Mas agora de nomes, e de usança
Novos e varios são os habitantes ;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente são mais abundantes :
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange ; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente ;)
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente :
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade :
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella :
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o traje novo,
Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Barbaria,
Lá onde fora Anteo obedecido :
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana ?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se quera,
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria :
 E depois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria ;
 Que alegria não pode ser tamanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece ;
 Como se longa fora já a amizade,
 Com elle come e bebe, e lhe obedece :
 Ambos se tornam logo da cidade
 Para a frota, que o Mouro bem conhece ;
 Sobem á capitaina ; e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella ;
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta, e cousas della,
 Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredos,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino tão grande, ou que ventura
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria,

XXXII.

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
 De lá do seio Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico trouxessem,
 (No qual me instituiram meus parentes)
 Succedeo, que prégando convertessem
 O Perimal : de sabios, e eloquentes,
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
 Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Nãos arma, e nellas mette curioso
 Mercadoria, que offereça, rica,
 Para ir nellas a ser religioso,
 Onde o propheta jaz, que a lei publica :
 Antes que parta, o reino poderoso
 Co'os seus reparte, porque não lhe fica
 Herdeiro proprio ; faz os mais acceitos
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
 Hum só moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deo, se lhe apresenta :
 Para este Calecut somente fica,
 Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina :
Andam nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina :
Dous modos ha de gente ; porque a nobre
Naires chamados são ; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

Porque os que usaram sempre hum mesmo
D'outro não podem receber consorte ; (officio
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária :
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Bramenes são os seus religiosos,
Nome antigo, e de grande preeminencia :
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia :
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia :
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente
Para os da geração de seus maridos :
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos !
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos :
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro. Mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O capitão da armada que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado :
Das cores a formosa differença
A vista alegre ao povo alvoroçado :
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama :
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV.

Dest'arté o Malabar, dest'arte o Luso,
 Caminham lá para onde o Rei o espera :
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra fera :
 O povo que concorre vai confuso
 De ver a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar; mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual hiam fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerecia ;
 Monçaide entr'elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde huma rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso templo já chegavam,
 Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidasem páo, e em pedra fria ;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fingia :
 Vem-se as abominaveis esculpturas ;
 Qual a Chimera em membros se varia :
 Os Christãos olhos, a ver Deos usados
 Em forma humana, estão maravillados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Ammon em Libya estava ;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava ;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava ;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adóra.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão :
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão :
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos :
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos :
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
 Se enxerga da Dedalea faculdade,
 Em figuras mostrando, por nobreza,
 Da India a mais remota antiguidade :
 Afiguradas vão com tal viveza
 As historias daquella antiga idade,
 Que quem dellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava ;
 Rege-o hum capitão de frente lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava :
 Por elle edificada estava Nysa
 Nas ribeiras do rio, que manava ;
 Tão proprio, que se alli estiver Semele,
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais avante bebendo seccá o rio
 Mui grande multidão da Assyria gente,
 Sujeita ao feminino senhorio
 De huma tão bella, como incontinente :
 Alli tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia :
 Amor nefando, bruta incontinencia

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia; e subjugavam
Até as aguas Gangeticas undosas:
D'hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas, que agora olhais abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala,
 Onde aquelle potente Imperador
 N'huma camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço, e no lavor.
 No recostado gesto se assignala
 Hum venerando e prospero senhor:
 Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto d'elle hum velho reverente,
 Co'os giolhos no chão, de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente,
 Que a seu costume estava ruminando.
 Hum Bramene, pessoa preeminente,
 Para o Gama vem com passo brando,
 Para que ao grande Principe o apresente,
 Que diante lhe acena que se assente:

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais affastados, prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo, e geito
 Da gente nunca de antes d'elle vista:
 Lançando a grave voz do sabio peito,
 Que grande autoridade logo aquista,
 Na opinião do Rei, do povo todo,
 O Capitão lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar eo'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda ;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo ;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem onde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, e tua ;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII.

E, sendo assi que o nó desta amizade
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará prompto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se offereça,
 Com gente, armas, e náos; de qualidade
 Que por irmão te tenha, e te conheça:
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
 A quem o Rei gentio respondia,
 Que em ver embaixadores de nação
 Tão remota, grão gloria recebia:
 Mas neste caso a ultima tenção
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informando-se certo de quem era
 O Rei, e a gente, e terra que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repousar; e em tempo breve
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.
 Já nisto punha a noite o usado atalho
 Ás humanas canseiras, porque ceve
 De doce somno os membros trabalhados,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejo
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos estranhos quem são ; que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe dêsse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia ;
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãi; tal que por bafô está approvedo
 Do Deos, que tem do mundo o regimento.
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles, he que o valor sanguinolento
 Das armas no seu braço resplandece;
 O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
 Com feitos memoraveis, e famosos:
 E, não contentes inda, na Africana
 Parte, cortando os mares procellosos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI.

Não menos tem mostrado esforço, e manha
 Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou lá d'alguns que do Pyrene deçam:
 Assi que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçam;
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te; que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende ;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava :
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava :
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava ;
A' capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera ;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera :
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis; pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nellâ os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta : mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente,
 E que aquelle deleite, que tanto ama
 A seita Epicurea, experimente.
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noé mostrara á gente :
 Mas comer o Gentio não pretende ;
 Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares :
 Co'o fogo o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares,
 Tudo o Gentio nota ; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coelho de outra parte ; e o Mauritano
 Os olhos poem no bellico transunto
 De hum velho branco, aspeito soberano ;
 Cujoo nome não pode ser defunto,
 Em quanto houver no mundo trato humano :
 No traje a Grega usança está perfeita ;
 Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha . . . Mas ó cego !
 Eu, que commetto insano, e temerario,
 Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo, e vario!
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar com vento tão contrario,
 Que se não me ajudais, hei grande medo,
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo, e novos danos :
 Agora o mar, agora exprimentando
 Os perigos Mavorcios inhumanos ;
 Qual Canace, que á morte se condena,
 N'huma mão sempre a espada, e n'outra a
 (penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
 Por hospícios alheios degradado ;
 Agora da esperança já adquirida
 De novo mais que nunca derribado :
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que d'hum fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
 Que tamanhas miserias me cercassem ;
 Senão que aquelles, que eu cantando andava,
 Tal premio de meus versos me tornassem.
 A troco dos descansos que esperava,
 Das capellas de louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz cantando gloriosos !
 Que exemplos a futuros escriptores,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria !

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça :
 Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
 Que não no empregue em quem o não me-
 Nem por lisonja louve algum subido, [reça,
 Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse
A quem ao bem commum, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio ;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave veio,
Por contentar o Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventuraram
 Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
 Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
 Tão bem de suas obras merecida.
 Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
 Me dobrarão a furia concedida,
 Em quanto eu tomo alento descansado,
 Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

ARGUMENTO

DO CANTO OITAVO.

Vê o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaração que dellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Affonso V: manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informão contra os navegantes: pertendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

Outro Argumento.

*Vêm-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos
De alta memoria são merecedores
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores
Consultam os Haruspices famosos,
E, corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes,*

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada :
“Quem era, e porque causa lhe convinha
“A divisa que tem na mão tomada? ”
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos :
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou :
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou :
Do Douro, e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrsos foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V.

Ulysses he, que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda ;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda,
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda ?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz : responde o Gama :
 Este que vês, pastor já foi de gado ;
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais, que no cajado :
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencibil, affamado ;
 Não tem com elle, não, nem ter puderam
 O primor que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força não, com manha vergonhosa,
 A vida lhe tiraram, que os espanta :
 Que o grande aperto em gente, inda que hon-
 As vezes leis magnanimas quebranta. ^{(rosa,}
 Outro está aqui, que contra a patria irosa
 Degradado, comnosco se alevanta :
 Escolheo bem com quem se alevantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aves de Jupiter validas ;
 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós souberam ser vencidas.
 Olha tão subtis artes, e maneiras,
 Para adquirir os povos tão fingidas ;
 A fatidica Cerva, que o avisa ;
 Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
 O grão progenitor dos Reis primeiros :
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros :
 Depois de ter os Mouros superado,
 Gallegos e Leonezes cavalleiros,
 Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadões, que gente tanta, ♦
 Com tão pouca, tem roto e destroçado :
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,
 Tantas coroas tem por tantas partes
 A seus pés derribadas, e estandartes !

XI.

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma,
 Por quem no Estygio lago jura a Fama
 De mais não celebrar nenhum de Roma :
 Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro imigo doma ;
 Para quem de seu reino abaixa os muros,
 Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente ;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente :
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar, com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido :
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera ao Castelhana :
Fez com siso, e promessas levaptar-se
O cerco, que já estava soberano :
Os filhos, e mulher obriga á pena ;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante :
 Este, pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante ;
 Est'outro a si, e os filhos naturais,
 E a consorte, sem culpa ; que doe mais.

XVI.

Vês este que, sahindo da cilada,
 Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte ?
 Já o Rei tem preso, e a villa descercada :
 Illustre feito, digno de Mavorte !
 Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria :

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co'o fogo que accendeo junto da serra
 De Abyla, nas galés da Maura gente.
 Olha como em tão justa e sancta guerra,
 De acabar pelejando está contente :
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII.

Não vês hũ ajuntamento, de estrangeiro
 Trajo, sahir da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova ?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A palma que lhe nasce junto á cova :
 Por elles mostra Deos milagre visto :
 Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Por quem por Mafamede enresta a lança ;
 He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
 Santarem, e verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo, ergueo das quinas a bandeira :

XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os imigos rompendo, o alferes mata,
 E o Hispalico pendão derriba em terra :
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra ;
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadas.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhana, que aggravado
De Affonso, nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo.
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente.

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma, e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o signal no ceo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

XXIV.

Vês? vão os Reis de Cordova, e Sevilha,
 Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos, que não de humano braço.
 Vês? já a villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e já nella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esforço, e com benigna estrella,
 Villas, castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com força ingente:
 He Dom Paio Correa, cuja manha,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres que em França, e Hes-
 Se fazem conhecer perpetuamente, (panha
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Ve-los? co'o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta ;
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sobre sens duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio ?

XXIX.

Olha : por seu conselho, e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pode, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita ?

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Ve-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho; e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos dêsse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria.
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente !
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo ; preso por leal :
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano :
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano :
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhanao.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor polos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem :
Digno feito de ser no mundo eterno ;
Grande no tempo antiguo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antigualmente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde D. Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês? outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida,

XXXIX.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam ;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam :
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende.
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham ;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais q'a mil, q'esforço, e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham ;
E como a seu contrario natural,
Á pintura que falla querem mal.

XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes
De generoso tronco, e casa rica,
Que, com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica :
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura ;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta :
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta ;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia ;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires da não forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV.

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas que olhara.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda vista:
Porém depois que sobe claro e ardente
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes crear lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle, e o somno se despede ;
 Tremendo fica o attonito Agareno:
 Salta da cama, lume aos servos pede,
 Lavrando nelle o fervido veneno.
 Tanto que a nova luz, que o Sol precede,
 Mostrara rosto angelico e sereno,
 Convoca os principaes da torpe seita,
 Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres, e contrarios
 Alli se dão, segundo o que entendiam ;
 Astutas traições, enganos varios,
 Perfidias inventavam, e teciam.
 Mas, deixando conselhos temerarios,
 Destruição da gente pretendiam
 Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
 Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas
 Conciliam da terra os principaes ;
 E com razões notaveis e discretas
 Mostram ser perdição dos naturaes ;
 Dizendo que são gentes inquietas,
 Que os mares percorrendo Occidentaes,
 Vivem só de piraticas rapinas,
 Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter-conta
A quieta innocencia, em só Deus pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar ao seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto;

LVII.

Nisto trabalha só, que bem sabia,
 Que, depois que levasse esta certeza,
 Armas, e náos, e gente mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo e lei sobmetterá
 Das terras, e do mar a redondeza ;
 Que elle não era mais que hum diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse ;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse.
 O Rei, que da noticia falsa e indina
 Não era d'espantar se s'espantasse ;
 Que tão credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros ;

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito :
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
 Que bem vê que grandissimo proveito
 Fará, se com verdade, e com justiça
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava
Achava mui contrarios pareceres ;
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava ;
A quem chegado disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida ;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada ;
Mas vagabundo vás passando a vida :
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas ?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade ?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade :
Que signal nem penhor não he bastante,
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já foram homens d'alta sorte,
 Em meu reino sereis agasalhados;
 Que toda a terra he patria para o forte :
 Ou se piratas sois ao mar usados,
 Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte ;
 Que por se sustentar em toda idade
 Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava ;
 C'huma alta confiança, que convinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influa,
 Taes palavras do sabio peito abria :

LXV.

Se os antiguos delictos, que a malicia
 Humana commetteo na prisca idade,
 Não causaram que o vaso da iniquicia,
 Açonte tão cruel da Christandade,
 Viera por perpetua inimicia
 Na geração de Adão, co'a falsidade
 (Ó poderoso Rei) da torpe seita,
 Não conceberas tu tão má suspeita,

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de seu peito;
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade, sem respeito
 Das razões em contrario, que acharias,
 Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
 Undívago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado ?
 Porque esperanças, ou porque interesses,
 Viria experimentando o mar irado,
 Os Antarcticos frios, e os ardores
 Que soffrem do Carneiro os moradores ?

LXVIII,

Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais que a achar o estranho cli-
 Onde a natura poz teu reino antigo; (ma,
 Mas se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
 Então verás o dom soberbo e rico,
 Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre, e grão conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, e fé de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propuzeram
 De vencer os trabalhos, e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
 E, descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderam
 De saber que fim tinham, e onde estavam
 Ar derradeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arou primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho charo
 O morador de Abyla derradeiro.
 Este, por sua industria, e engenho raro,
 N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pôde a parte, que faz clara
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammias viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna :
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
 Tens por qual he, sincera e não dobrada,
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não me impidas o gosto da tornada :
 E se inda te parece falsidade,
 Cuida bem na razão que está provada,
 Que com claro juizo pode ver-se ;
 Que facil he a verdade de entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
 Com que provava o Gama o que dizia ;
 Concebe delle certa confiança,
 Credito firme em quanto proferia :
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na autoridade grão valia :
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito
 Que espera do contracto Lusitano,
 O faz obedecer, e ter respeito
 Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
 Em fim ao Gama manda que direito
 Ás náos se vá, e seguro d'algum dano
 Possa á terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
 Que nos reinos Gangeticos falleça;
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 Donde a terra se acaba, e o mar começa.
 Já da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão para onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo,
 Embarcação; que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás náos lhe pede:
 Mas o máo regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças e embaraços:
 Com elle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto puder dos regios paços;
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastante, em que partisse;
 Ou que para a luz crastina do dia
 Futuro sua partida differisse:
 Já com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
 O que delle atelli não entendera.

LXXXI.

Era este Catual um dos que estavam
 Corruptos pela Ma'ometana gente,
 O principal por quem se governavam
 As cidades do Samorim potente :
 Delle somente os Mouros esperavam
 Efeito a seus enganos torpemente.
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requiere
 Que o mande pôr nas náos, e não lhe val ;
 E que assi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal.
 “Porque razão lhe impede, e lhe differe
 “A fazenda trazer de Portugal ?
 “Pois aquillo, que os Reis já tem mandado,
 “Não pode ser por outrem derogado. ”

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil, e astuto
 Engano diabolico, e estupendo ;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido estava vendo ,
 Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar á terra as náos, que longe estão,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse:
Signal he de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama,
Phantasiando está remedio certo,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que de raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso ;
 E sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, e telhado,
 Tremulo aqui, e alli e dessocegado :

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os bateis, como ordenara :
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse á frota, que deixara,
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Ma'ometanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
 Imitar os illustres, e iguala-los :
 Voar co'o pensamento a toda parte,
 Adivinhar perigos, e evita-los :
 Com militar engenho, e subtil arte,
 Entender os imigos, e engana-los ;
 Crer tudo em fim : que nunca louvarei
 O capitão que diga : Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada ;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada :
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia; quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia ; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda ;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas em que venha ;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha :
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha :
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o premio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pola fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás náos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas náos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor corrompido, e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Pode o vil interesse, e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
 Só por ficar senhor do grão thesouro :
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro ;
 Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, e louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores, e falsos os amigos :
 Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
 Os textos : este faz, e desfaz leis :
 Este causa os perjurios entre a gente :
 E mil vezes tyrannos torna os Reis.
 Até os que só a Deos Omnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, e illude ;
 Mas não sem cor, com tudo, de virtude.

ARGUMENTO

DO CANTO NONO.

Livre já das traições, e perigos, que o ameaçavão, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o Reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental: encaminha-o Venus a huma Ilha deliciosa: descripção da mesma Ilha: desembarque dos navegantes: festivas demonstrações com que alli são recebidos, das Nereides os soldados, e de Thetis o Gama.

Outro Argumento.

*Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E, no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra huma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.*

OS LUSIADAS.

CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores :
Que todo seu proposito, e vontade
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteo ;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana
Da religiosa agua Ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes náos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas náos os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammabrazassem crepitantes,
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que para quanto tem determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influo piedosos accidentes
De affeição em Monçaide; que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera :
Muitas vezes as náos que longe estavam
Visita, e com piedade considerã
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno ;
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano :
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano ;
E que pode ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Ma'ometanos ama ;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás náos : e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás náos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut, e conhecidos ;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra.

XI.

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava ;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava :
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente ;
Desculpas manda o Rei de seus enganos :
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas ; e tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou ;
Leva pimenta ardente, que comprara :
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que, inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos;

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios ceos, e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhara,
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos :
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram ;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No reino de crystal liquido, e manso :

XX.

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta dêsse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das aguas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio :
Que muitas tem no reino que confina
Da mãe primeira co' o terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Para dentro das portas Herculanãs.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças, e choreas, porque nellas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se afeiçãoarem.

XXIII.

Tal manhá buscou já, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido ;
Que assi como naquella empreza antiga
A ajudou já, nest'outra a ajude, e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijosse vão dando :
Ella por onde passa o ar, e o vento
Serenoz faz, com brandoz movimento.

XXV.

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos ; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana :
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana ;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido,

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina ;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam somente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade.
Da feia tyrannia, e de aspereza,
Fazem direito, e vã severidade ;
Leis em favor do Rei se estabelecem ;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja :
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando ;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes :
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes ;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda ;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vam da setta aguda :
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos ;
Mas poem em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas ;
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curam-no ás vezes asperas triagas.
 Alguns ficam ligados em cadeas,
 Por palavras subtis de sabias magas ;
 Isto acontece ás vezes, quando as settas
 Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando :
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando ;
 Qual o das moças, Bibli, e Cinyrea :
 Hum mancebo de Assyria ; hum de Judea,

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes ;
 E por baixos e rudos, vós senhoras,
 Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis tellhados e paredes :
 Mas eu creio que deste amor indino
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente ;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebe-la vem, ledó e contente ;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz : Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada ;
Filho, em quem minhas forças sempre estão ;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
 Baccho foram na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso,
 Puderam mais ser mortos, que cansados :
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados ;
 Tomando aquelle premio, e doce gloria
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereo no ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos incendidas,
 Que vem de descobrir o novo mundo ;
 Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei apparelhada,
 De dons de Flora, e Zephyro adornada :

XLI.

Alli com mil refrescos, e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares
 Formosos leitos, e ellas mais formosas,
 Em fim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas ;
 D'amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella :
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella ;
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella :
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe ;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledó a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe ;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira :
A deosa Gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vão a buscar, e mandam a diante,
 Que celebrando vá com tuba clara
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara ;
 Falla verdade, havida por verdade ;
 Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
 O coração dos deoses, que indignados
 Foram por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por mau zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
 Huma após outra ; geme o mar co' os tiros :
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros :
 Cahem as nymphas, lançam das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros ;
 Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama ;
 Que tanto como a vista pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lua
 Com força o moço indomito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
 Já não fica na aljava setta alguma,
 Nem nos equoreos campos nympha viva ;
 E se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir que vão morrendo.

LXIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
 Que, vedes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas, e redondas,
 Que vem por cima da agua Neptunina.
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, á flamma feminina,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas ; e junto caminhava
 Em choreas gentis, usança velha,
 Para a ilha, a que Venus as guiava :
 Alli a formosa deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava ;
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente para a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria
 Para a grande viagem prolongada :
 Quando juntas, com subita alegria,
 Houveram vista da ilha namorada ;
 Rompendo pelo ceo a mãe formosa
 De Memnonio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella.
 Que Venus pelas ondas lha levava,
 (Bem como o vento leva branca vela)
 Para onde a forte armada se enxergava :
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as naos navegam a movia
 A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio
 Que era dos nautas vista, e demandada ;
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
 Para lá logo a proa o mar abrio,
 Onde a costa fazia huma enseada
 Curva e quieta, cuja branca area
 Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa :
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa ;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lymphá fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhã as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se :
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para afeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos :
A lorangeira tem no fructo lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos ;
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co' os pezos amarellos ;
Os formosos limões, alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados, e queridos :
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos ;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraíso.

LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores :
As cerejas purpureas na pintura ;
As amoras, que o nome tem de amores ;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Cor com que tu, rubi, teu preço perdes,
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos, e outros verdes :
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno ;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se dava ás flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da cor dos amadores ;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella :

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona :
Vem se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona :
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona :
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo philomela :
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella :
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida gazella :
 Alli no bico traz ao charo ninho
 O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavam
 Já das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deosas, como incautas.
 Algumas doces citharas tocavam,
 Algumas arpas, e sonoras frautas,
 Outras co' os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas ;
 Que vista dos Barões a presa incerta,
 Se fizessem primeiro desejadas.
 Algumas, que na forma descoberta
 Do bello corpo estavam confiadas,
 Posta a artificiosa formosura,
 Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos ;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos ;
Não cuidam que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.

LXVII.

Alguns que em espingardas, e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançavam :
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave, e queda,
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores ;
Cores de quem a vista julga, e sente,
Que não eram das rosas, ou das flores ;
Mas da lã fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito :
 Senhores, caça estranha, disse, he esta :
 Se inda dura o Gentio antiguo rito,
 A deosas he sagrada esta floresta :
 Mais descobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca ; e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas, e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens impruden-
 [tes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos
 Se phantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, veloces mais que gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, e d'outra as fraldas delicadas :
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas :
 Huma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella, empecendo, tambem caia
 Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavam ;
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agua ; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi, e calçado, (que co'a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha, ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal soffrido
Salta n'agua, e da presa não duvida.
Nadando vai, e latindo ; assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado ;
E tinha já por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Já cansado correndo lhe dizia :
Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansam, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo ;
Tu só de mi só foges na espessura ?
Quem te disse, que eu era o que te sigo ?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia,

LXXVIII.

Não cansas, que me cansas : e se queres
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,
 Ella fará que não possa alcançar-te.
 Espera : quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te:
 E notarás no fim deste successo,
 “Tra la spiga e la man qual muro é messo.”

LXXIX.

Ó não me fujas ! Assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura !
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que Imperador, que exercito se atreve
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejei me vai seguindo ?
 O que tu só farás não me fugindo.

LXXX.

Poens-te da parte da desdita minha ?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração, que livre tinha ?
 Solta-mo, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas ? Ou depois de presa
 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa ?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo ;
Que ou tu não soffrerás o pezo della,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrella :
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella ;
E tu me esperarás, se amor te fere ;
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII.

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cabir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta !
E que mimoso choro que soava !
Que affagos tão suaves ! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava !
O que mais passam na manhã, e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimenta-lo que julga-lo,
Mas julgue-o quem não pode exprimenta-lo.

LXXXIV.

Desta arte em fim conformes já as formosas
Nymphas co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formaes, e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que dizem ser de Caelo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e regia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,
C'hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influença do immobil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos, por alta prophacia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia
 Para o cumé d'hum monte alto e divino,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, e em prazer contino :
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
 O dia quasi todo estão passando,
 N'huma alma, doce, incognita alegria,
 Os trabalhos tão longos compensando.
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte e famosa o mundo está guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
 Tethys, e a ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada,
 Aquellas preeminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroadada
 De palma e louro, a gloria e maravilha ;
 Estes são os deleites desta ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso :

XCI.

Não erão senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos :
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
 Vicio da tyrannia infame, e urgente :
 Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão á gente :
 Melhor he merece los sem os ter,
 Que possui-os sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos ;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes
 Contra a lei dos imigos Sarracenos :
 Fareis os reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais, e nenhum menos ;
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
 Agora co'os conselhos bem cuidados ;
 Agora co'as espadas, que immortais
 Vos farão, como os vossos já passados :
 Impossibilidades não façais,
 Que quem quiz sempre pode : e numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos,

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO

DO CANTO DECIMO.

Convite de Tethys aos navegantes : canção prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas, e conquistas dos Vice-Reis, dos Governadores, e Capitães Portuguezes na India até D. João de Castro : sóbe Tethys com o Gama a hum monte desde o qual lhe mostra a Esphera celeste, e terrestre descripção do Orbe, especialmente da Asia, e Africa : sahem da Ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegão felizmente a Lisboa.

Outro Argumento.

*As mesas de vivificos manjares,
Com as Nymphas os Lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas em accents numerosos :
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os ceos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido;
E torna a frota ao Tejo tão querido.*

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

I.

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lyrios e jasmins que a calma aggrava.

II.

Quando as formosas nymphas co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantés,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem de cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas crystallinas
 Se assentam dous e dous, amante, e dama ;
 N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
 Está co'a bella deosa o claro Gama.
 De iguarias suaves e divinas,
 A que não chega a Egypcia antiga fama,
 Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão não só do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima
 Com todo o ajuntamento sempiterno ;
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração movem subita alegria,
 Saltando co'a mistura d'agua fria.

V.

Mil praticas alegres se tocavam,
 Risos doces, subtis, e argutos ditos,
 Que entre hum, e outro manjar se alevanta-
 Despertando os alegres apetitos. [vam,
 Musicos instrumentos não faltavam,
 Quaes no profundo reino os nus espiritos
 Fizeram descansar da eterna pena,
 C'huma voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando.
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diaphano, rotundo ;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos , e depois no reino fundo
Vaticinando o disse ; e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,
A que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e já do estio
 Ha pouco que passar até o outono ;
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual já não me jacto, nem me abono.
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno sono :
 Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
 Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X.

Cantava a bella deosa, que viriam
 Do Tejo, pelo mar que o Gama abria,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por onde o Oceano Indico suspira :
 E que os gentios Reis, que não dariam
 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte,
 Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
 Do summo sacerdocio a dignidade,
 Que só por não quebrar co'os singulares
 Barões os nós que dera d'amizade,
 Soffrerá suas cidades, e lugares,
 Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
 Ver destruir do Samorim potente :
 Que taes odios terá co'a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si o mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano.
O peso sentirão, quando entraria
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que geme-
Contra sua natureza se metterem. [rem,

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fará que todo o Naire em fim se mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra,

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI.

Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de ira o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fará que os seus, da vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Viráalli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, e aggrava;
Mas com tudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fora de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que atelli vão lhe fora commette-las.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
Para abraçar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão poder de Dário estrue, e rende ;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende ;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido ;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te !

XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro :
Em ti, e nelle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde, e escuro :
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro !
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'humã apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
À lingua vã de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não es para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co' o ferro e fogo seu queimada e fea
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela.
Despois, lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
(Que ella só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende :
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficara :
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liara.
Ella solta voo da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena !
Que o corpo, que em pedaços se apresenta
Quem o gerou vingança já lhe ordena :
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fará dar pelos gíolhos
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada affia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada
Co'os pelouros, que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento,

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores :
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores :
Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammás, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah ! que desta prospera victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo.
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam ;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são !
As gentes vâas, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
 (Dizia a nympha, e a voz alevantava)
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar que lava
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
 DeSão-Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
 Armas, com que Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso, e brando.
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocár-se, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praia, e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:
 Até que á força só de braço aprendem
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa !
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
E que a torne a tomar ; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadrão de Gentios, e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros
Na luz que sempre celebrada, e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada !
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes ;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura ;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas c'huma escrava vil, lasciva, e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refrea,
Poem na fama alva nodá negra e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado
 Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
 Não sendo seu soldado experimentado,
 Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente,
 Sentio Cyro, que andava já abrazado
 Araspas de Panthea em fogo ardente,
 Que elle tomara em guarda, e promettia
 Que nenhum mau desejo o venceria,

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa que vencido
 Fora de amor, que em fim não tem defenza,
 Levemente o perdoa, e foi servido
 Delle n'hum caso grande em recompensa.
 Por força, de Juditha foi marido
 O ferreo Balduino; mas dispensa
 Carlos pai della, posto em cousas grandes,
 Que viva, e povoador seja de Frandes.

L.

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
 De Soares cantava, que as bandeiras
 Faria tremolar, e pôr espanto
 Pelas roxas Arabicas ribeiras.
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
 Praias de Abassia: Barborá se teme
 Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Já pelo nome antiguo tão famosa,
 Quanto agora soberba e soberana
 Pela cortiça calida, cheirosa ;
 Della dará tributo á Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
 Vencendo, se erguerá na torre erguida
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
 Dividindo, abrirá novo caminho
 Para ti, grande imperio, que te arreas
 De seres de Candace, e Sabá ninho.
 Maçua, com cisternas de agua cheas,
 Verá, e o porto Arquico alli visinho ;
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá depois Menezes, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá terá provado :
 Castigará de Ormuz soberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem, tu Gama, em pago do desterro
 Em que estás, e serás inda tornado,
 Co'os titulos de Conde, e honras nobres,
 Virás mandar a terra que descobres.

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganós.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Committendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as commette ;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos d'alma todos sete,
De cobiça triumphá, e incontinnencia ;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroadó,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos :
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sobmettas.

LVIII.

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e semrazão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence ; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota,
Por Heitor da Sylveira, e destroçada :
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme ;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme :
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém ; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta ;
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprí-
No governo do imperio ; cujo zelo ^{[menta}
Com medo o Roxo mar fará amarello.

LXIII.

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar,
O muro de Damão soberbo, e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio,
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Reigentio
De Calecut; que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida,
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida :
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo :
Em si verá Beadala o marcio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá depois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos ;
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala :
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita, e fea.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado ;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado ;
Conforme successor ao succedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas feroces, Abassis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes ;
Que mil nações ao cerco feras vem ;
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem ;
Em sangue Portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas :
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

LXXI.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana ;
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice, e soberana :
Huns, paredes subindo, escusam porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana :
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII.

Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcum do braço triumphante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandardes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas, e estas mesas,
Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoro applauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravam.
Por mais que da fortuna andem as rodas,
(N'huma consona voz todas soavam,)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa!

LXXV.

Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia, e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre;
Tethys de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia :

LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema de co'os olhos corporais
Veres o que não pode a vã sciencia
Dos errados, e miseros mortais !
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co'os mais.
Assi lhe diz : e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga-se bem que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue, ou se abaixa: e hum mesmo
 Por toda a parte tem, e em toda a parte ^[rosto]
 Começa e acaba, em fim por divina arte:

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
 Qual em fim o Archetypo, que o creou.
 Vendo o Gama este globo, commovido
 De espanto e de desejo alli ficou.
 Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande machina do mundo,
 Etherea, e elemental, que fabricada
 Assi foi do saber alto, e profundo,
 Que he sem principio, e meta limitada.
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada, ^{[tende,}
 He Deos: mas o que he Deos ninguem o en-
 Que a tanto o engenho humano não se es-
^{[tende,}

LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos que em si tem ;
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,
 Empyreo se nomea ; onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem,
 Tamanho, que elle só se entende e alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão : porque eu, Saturno, e Jano,
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal, e cego engano :
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos ; e se mais o trato humano
 Nos pode dar, he só que o nome nosso
 Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo que sustenta.
 Ensína-lo a prophetica sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta :
 Os que são bons, guiando favorecem,
 Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses já dera, fabulando :
Que os anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando ;
Nem nego que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda :
E tornando, a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga : he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio :
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, e radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes :
 Bem vês como se veste e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
 Animaes doze traz affigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
 Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
 Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo:
 Vê de Cassiopea a formosura,
 E do Oriente o gesto vê tremendo,
 Olha o Cysne morrendo que suspira,
 A Lebre, e os Cães, a Nao, e a doce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
 Vês o ceo de Saturno, deos antigo ;
 Jupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixo, bellico inimigo ;
 O claro olho do ceo no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz comsigo ,
 Mercurio de eloquencia soberana :
 Com tres rostos abaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve ;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve ;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, o ar, o vento e neve ;
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem, co'o mar, a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam ;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza ;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculto, e toda chea de bruteza ,
Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza :
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
 De selvatica gente, negra e nua ;
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pela Fé sancta sua :
 Nasce por este incognito hemispherio
 O metal por que mais a gente sua :
 Vê que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Olha as casas dos negros; como estão
 Sem portas confiados, em seus ninhos,
 Na justiça Real, e defensão,
 E na fidelidade dos visinhos.
 Olha: delles a bruta multidão;
 Qual bando espesso e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
 Nasce, que não souberão os antigos ;
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos :
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos.
 Vê Meroe, que ilha foi de antiqua fama,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro ;
Ha de ser D. Christovam o nome seu :
Mas contra o fim fatal não ha reparo,
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e charo :
O rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores,
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa ; e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçua são, Arquico, e Sanquem.

XCVIII,

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade ;
Outros dizem que Arsinoe ; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abriu patente
Estrada o grão Moyses na antiga idade :
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
 Co'o sepulchro de Sancta Catharina :
 Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
 Agua das fontes doce, e crystallina :
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reino da secca Adem, que confina
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga e baça;
 Donde vem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros, e feroces, de alta raça.
 Olha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co'o nome se appellida
 Da cidade Fartaque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso, para as aras.
 Mas attenta: já cá dest'outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda serão claras
 Quando as galés do Turco, e fera armada
 Virem de Castel-Branco nua espada,

CII.

Olha o cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes :
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Á cor da Aurora ; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parseos vencerá de Lara :
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
 Cabo de Jasque, dito já Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, e dos dons usados della :
 Carmania teve já por appellido.
 Mas vês o formoso Indo, que daquella
 Altura nasce, junto á qual tambem
 D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
 E de Jaquete a intima enseada ;
 Do mar a enchente subita grandissima,
 E a vasante que foge apressurada.
 A terra de Cambaia vê riquissima,
 Onde do mar o seio faz entrada ;
 Cidades outras mil, que vou passando,
 A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês corre a costa celebre Indiana
 Para o Sul, até o cabo Comori,
 Já chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
 Por este mar a gente Lusitana,
 Que com armas virá despois de ti,
 Terá victorias, terras, e cidades :
 Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio
 Vês com varias nações, são infinitas;
 Hum reino Mahometa, outro Gentio,
 A quem tem o Demonio leis escritas.
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas e bemditas
 Do corpo de Thomé, varão sagrado,
 Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
 Meliapor, formosa, grande e rica:
 Os idolos antiguos adorava,
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estava,
 Quando a Fé, que no mundo se publica,
 Thomé vinha prégando, e já passara
 Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
 A doentes saude, a mortos vida,
 A caso traz hum dia o mar vagando
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rei, que andava edificando,
 Fazer delle madeira, e não duvida
 Poder tira-lo a terra com possantes
 Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta ;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta :
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada ;
Que assí lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa nova :
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja ;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz ; que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera,

CXIV.

Hum filho proprio mata: logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa:
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvedo.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu Crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Bramenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,
 Fingiram entre a gente hum arruido :
 Já Christo neste tempo lhe ordenava
 Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
 A multidão das pedras, que voava,
 No Sancto dá, já a tudo offerecido :
 Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo ;
 Chorou-te toda a terra que pizaste ;
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste.
 Mas os Anjos do Ceo, cantando, e rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
 De mandados de Deos, como Thomé,
 Dizei, se sois mandados, como estais
 Sem irdes a prégar a sancta Fé ?
 Olhai que se sois sal, e vos damnais
 Na patria, onde propheta ninguem he,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infieis deixo) tantas heresias ?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada,
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangetica enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa, de roupas abastada:
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio ;

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro, daqui virada a costa.

CXXII.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram ;
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumão ; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido ;
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita; e das prestantes
Veas d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram :
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita:
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita :
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita.
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas ;
 Os Laos em terra e numero potentes,
 Avás, Bramás, por serras tão compridas.
 Vê nos remotos montes outras gentes,
 Que Gueos se chamam, de selvages vidas :
 Humana carne comem , mas a sua
 Pintam com ferro ardente ; usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
 Que capitão das aguas se interpreta ;
 Tantas recebe d'outro só no estio,
 Que alaga os campos largos, e inquieta :
 Tem as enchentes, quaes o Nilo frio :
 A gente delle crê, como indiscreta,
 Que pena, e gloria tem despois da morte
 Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, e miserando,
 Dos procellosos baixos escapados,
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle, cuja lyra sonora
 Será mais affamada que ditosa.

CXXIX:

Vês corre a costa que Champá se chama,
 Cuja mata he do páo cheiroso ornada ;
 Vês Cauchichina está de escura fama ;
 E de Ainão vê a incognita enseada.
 Aqui o soberbo imperio, que se affama
 Com terras, e riqueza não cuidada,
 Da China corre, e occupa o senhorio
 Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio, e o outro se edifica;
 Certissimo signal, e conhecido,
 Da potencia Real, soberba, e rica.
 Estes, o Rei que tem não foi nascido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica ;
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
 Até que venha o tempo de mostrar-se,
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde
 A natureza quiz mais affamar-se.
 Esta, meia escondida, que responde
 De longe á China, donde vem buscar-se,
 He Japão, onde nasce a prata fina ;
 Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammias ondeadás:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto
Das arvores, que camphora he chamado:
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandaló salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo que nelle cahe.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammæ tremulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora ;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora ;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pola pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa ;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa ;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa :
De Sam-Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vos outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais,
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra que continua
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota ;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis :
Descobri-la-ha a primeira vossa frota :
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vai da Linha,
D'hum a estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra allí visinha ;
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser acceitos
Ás eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas :

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo, para a patria amada.
Assi lhe disse : e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam frescos, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno ;
E a sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão, porque mandou ;
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Nó mais, Musa, nó mais ; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida ;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não ; que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei por que influxo do destino
Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de continuo,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes !

CXLVII.

Olhai que ledos vão por varias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes, e vigias,
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros ;
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de Idolátras, e de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a peixes, ao profundo :

CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vós tão longe, sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes.
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros, e ardentes
 Commetteram comvosco; e não duvido
 Que vencedor vos façam não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade ;
 De rigorosas leis desaliv'ai-os ;
 Que assi se abre o caminho á sanctidade :
 Os mais experimentados levantai-os,
 Se com a experiencia tem bondade
 Para vosso conselho ; pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs : toda ambição terão por vento ;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido, e fervente
Estendem não somente a Lei de Cima,
Mas inda vosso imperio preeminente :
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; huns os vivos,
E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes
Possam dizer, que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados,
Que viram largos annos, largos mezes ;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabê.

CLIII.

De Phormião philosopho elegante
 Vereis como Annibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava e lia.
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende, Senhor, na phantasia,
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido, nem sonhado ?
 Da boca dos pequenos sei com tudo,
 Que o louvor sahe ás vezes acabado,
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiencia misturado,
 Nem engenho ; que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se acham raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito ;
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada ;
 Só me fallece ser a vós acceito,
 De quem virtude deve ser prezada.
 Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
 Digna empreza tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinação divina :

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada, e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.



Cam
1220

Typ. de Santos & Companhia















